




O resgate à nostalgia: O movimento intelectual conservador e a *National Review*

Tulio Magalhães Rodrigues

Doutorando e Mestre no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

 0000-0002-7593-1382

 <https://doi.org/10.28998/rchv15n30.2024.0005>

Recebido em 06/11/2024

Aprovado em 16/12/2024



O resgate à nostalgia: O movimento intelectual conservador e a *National Review*

RESUMO

O texto se propõe a demonstrar como se desenvolveu o “novo conservadorismo” nos Estados Unidos que surgiu nos anos 1950, pela ótica do seu principal cronista, o historiador George H. Nash. Seu livro *The Conservative Intellectual Movement In America: Since 1945*, publicado em 1976, organizou um conjunto de ideias e intelectuais que tinham como elo em comum o combate ao comunismo. O espaço que reuniu e fortaleceu esse novo campo intelectual na América foi o periódico nascido no ano de 1955, *National Review*. A revista serviu de base para o combate ao que seus autores apelidaram de “esquerdismo”, que atendia a um apelo ao totalitarismo, mas também foi a base do que o autor atribuiu de “movimento intelectual conservador”, que não só ganhou expressão no campo das ideias, mas, principalmente, no campo político. Suas observações sobre este ativismo intelectual no período do *New-Deal* interpretaram o campo conservador como uma importante tradição do pensamento político estadunidense.

PALAVRAS-CHAVE: Estados Unidos; Comunismo; Conservadorismo

Rescuing nostalgia: The conservative intellectual movement and the *National Review*

ABSTRACT

This text aims to demonstrate how the “new conservatism” developed in the United States, which emerged in the 1950s, from the perspective of its main chronicler, historian George H. Nash. His book *The Conservative Intellectual Movement in America: Since 1945*, published in 1976, specifies a set of ideas and intellectuals that had as a common bond the fight against communism. The space that brought together and strengthened this new intellectual field in America was the periodical created in 1955, *National Review*. The magazine served as a basis for the fight against what its authors called “leftism”, which responded to an appeal to totalitarianism, but it was also the basis for what the author attributed to be a “conservative intellectual movement”, which not only gained expression in the field of ideas, but mainly in the political field. His observations on this intellectual activism during the New Deal period interpreted the conservative field as an important tradition of American political thought.

KEY-WORDS: United States of America; Communism; Conservatism

Introdução

Em uma entrevista da parlamentar democrata Nancy Pelosi para a jornalista Kara Swisher, em maio de 2016, a congressista afirmou que Donald Trump não seria presidente dos Estados Unidos. A parlamentar garantiu que “Trump não seria eleito, e que poderia levar sua palavra para o banco como garantia, caso apostassem” (Jonhson, 2016, tradução nossa). Essa posição representou a opinião de parte da mídia e de uma parcela da sociedade estadunidense que não acreditou na vitória de Donald Trump nas eleições. Contudo, essas previsões não se confirmaram. O candidato venceu as eleições para a surpresa da mídia e políticos que consideravam sua campanha irrelevante e passageira, impressões que também foram compartilhadas por acadêmicos.

Isso pode ser visto no texto do historiador estadunidense Rick Perlstein para o *The New York Times Magazine*, em abril de 2017, com o título: *I Thought I Understood the American Right. Trump Proved Me Wrong*. Para o autor, houve um equívoco ao se interpretar Donald Trump como um capítulo do conservadorismo de seu país. “A campanha de Trump foi surreal e intelectualmente constrangedora, especialistas políticos de todos os tipos disseram que ele nunca poderia se tornar presidente” (Perlstein, 2016, tradução nossa). Essas considerações se relacionam com um incômodo que o historiador aponta nas interpretações sobre o conservadorismo nos Estados Unidos, que tem um histórico controverso com a historiografia pois, mesmo depois da ascensão de Ronald Reagan e de uma expressão política de conservadores, recebeu menos atenção se comparado com os estudos sobre o Estado liberal. Reflexão encontrada no trabalho do historiador Alan Brinkley, em um artigo publicado em 1994, com o título *The Problem of American Conservatism*. No texto, o qual é citado por Perlstein, o autor aponta que o conservadorismo nos Estados Unidos como campo de pesquisa tem sido negligenciado, especialmente na segunda parte do século XX. Fato decorrido, segundo Brinkley, pela mudança de perspectiva da historiografia estadunidense que, até a metade do século XX, colocou o conservadorismo no seu centro interpretativo, mas que perdeu esse espaço com a historiografia que a sucedeu, visto nos chamados “estudos de consenso”¹. De acordo com Brinkley, esse campo

¹ Havia um consenso entre intelectuais e grupos políticos sobre a democracia e o seu compromisso com a liberdade nos EUA pois, mesmo que houvessem divergências sobre os meios, os fins concordavam com a interpretação que os Estados Unidos era uma exceção no contexto mundial. De acordo com o historiador Flávio Limonic, “Tal historiografia buscava legitimar, acadêmica e intelectualmente, o

dominou brevemente a historiografia estadunidense após a Segunda Guerra Mundial, e sua abordagem tendeu a produzir uma visão “desdenhosa do conservadorismo”. Essa tendência ganhou espaço nas produções de liberais³ que entenderam o liberalismo como a principal e mais importante tendência intelectual nos EUA.

Para Perlstein (2017), o artigo de Brinkley inaugurou um *boom* nas pesquisas da academia sobre o tema, e isso é visto no crescimento do debate sobre o conservadorismo que recebeu atenção nas universidades americanas no início dos anos 2000 (McGirr, 2001; Schneider, 2003; Critchlow, 2005; Phillips-Fein, 2010), sobretudo com o resgate do trabalho do historiador conservador George H. Nash: *The Conservative Intellectual Movement In America: Since 1945*, publicado em 1976. O autor, especialista no conservadorismo do século XX norte-americano, se destacou nos estudos sobre o campo por uma perspectiva crítica à sua importância no cenário intelectual dos Estados Unidos. Seus textos e livros ganharam destaque nas produções da *Intercollegiate Studies Institute*, além de suas pesquisas pela *Hoover Institution* entre 1975 e 1995, na produção biográfica do ex-presidente Herbert Hoover, que resultou em três livros. No entanto, foi no seu livro publicado em 1976 que seu trabalho conquistou notoriedade na esfera acadêmica, principalmente nos últimos anos. Nash interpretou o conservadorismo como um campo formado por diferentes tendências intelectuais, às quais atribuiu como libertários, tradicionalistas e anticomunistas da Guerra Fria⁴. Esses grupos formaram uma relação relativamente coesa que o autor batizou de “Movimento Intelectual Conservador”.

A preocupação vista em Brinkley (1994) e nas observações de Perlstein (2017) são compartilhadas pela historiadora da Universidade de Nova York Kim Phillips-Fein (2011), ao considerar o campo da direita conservadora como parte de um movimento social que visa criar uma alternativa intelectual na dinâmica política dos EUA. Para ela, as mobilizações e práticas políticas desta direita nem sempre estão presentes nos

projeto societário americano tal qual configurado nos anos 1950, baseado no tripé democracia liberal-economia de mercado-consumo de massas, como se a sociedade americana do pós-Segunda Guerra houvesse finalmente realizado a promessa das instituições fundadoras da República” (Limoncic, 2005, p. 30).

² O conservadorismo como doutrina política não existia nos EUA nos anos 1940, ideias conservadoras não estavam em circulação. Como aponta o historiador norte-americano Tom Reiss (2005), a palavra “conservador” estava associada a grupos marginais agrários anti-industriais e aos magnatas anti- *New Deal* que lideravam a *Liberty League*, como o ex-presidente Herbert Hoover e o senador de Ohio Robert Taft.

³ Como nas considerações do cientista político Samuel Huntington (1957) sobre o excepcionalismo estadunidense.

⁴ Nas edições de 1996 e 2006 esse quadro foi ampliado com a inclusão dos neoconservadores e da direita religiosa.

espaços tradicionais de ação política, mas podem estar sendo experimentadas em outros lugares: “Historiadores que escrevem sobre a direita devem encontrar maneiras de fazê-lo com um senso de seriedade em seus objetos, mas não devem hesitar em ficar de olho no bizarro, no incomum ou no perturbador” (Phillips-Fein, 2011, p. 736, tradução nossa). Em sua concepção, o conservadorismo é frequentemente visto como um movimento político e social que ganhou força depois da Segunda Guerra Mundial, na identificação de intelectuais com ideias que defendiam o livre-mercado, uma concepção de liberalismo clássico (*Laissez-Faire*), uma oposição ao movimento dos direitos civis, o combate ao comunismo e o comprometimento com normas sexuais tradicionais. Essa tendência se fortaleceu intelectualmente com publicações que desenvolveram o tema (Weaver, 2012; Viereck, 1949; Kirk, 1953), mas foi com o nascimento da revista *National Review*, em 1955, que este conservadorismo se projetou como um movimento intelectual.

Com isso, o objetivo deste ensaio é apresentar como se organizou este novo conservadorismo que surgiu nos anos 1950, e como esse movimento obteve expressão política com a mediação e surgimento do periódico *National Review*. Para isso, tomaremos como referência o livro do historiador George H. Nash, como guia para entender a composição daquilo que ele chamou de “Movimento Intelectual Conservador”.

Libertários

Na década de 1930, os Estados Unidos passaram por transformações políticas e econômicas com o projeto de governo do presidente Franklin D. Roosevelt. O pacto social conhecido como *New Deal* alterou a forma de atuação do Estado na política, principalmente no campo econômico. Suas ações incluíam a intervenção e regulação do governo em áreas como economia e trabalho, a fim de solucionar os problemas causados pela crise de 1929, e também como uma tentativa de ajustar as contas causadas pelo aumento do desemprego e da inflação. Essa atuação, no entanto, não era bem vista por políticos e intelectuais⁵ que concordavam que essa mediação do governo deveria ser limitada. Isso pode ser visto nas investidas de grupos de oposição a

⁵ Nesse cenário cabe citar o crítico do *New-Deal* Albert Jay Nock. Suas ideias foram referência para os libertários e conservadores estadunidenses da década de 1950. O seu trabalho foi admirado por influentes intelectuais conservadores tais como William Buckley Jr., Russell Kirk e Robert Nisbet (Hawley, 2016, p. 26). Um dos seus livros *Our Enemy, The State*, publicado em 1935, ganhou uma edição no Brasil no ano de 2018.

Roosevelt, como *Liberty League*⁶. Um grupo formado por uma elite de conservadores⁷ composta na maioria por empresários e políticos que defendiam a propriedade privada e a liberdade individual como princípios intocáveis. Seu programa promoveu uma agenda de interesses privados de grupos elitistas⁸ que não concordavam com políticas sociais mediadas pelo governo, situação que foi ampliada com a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial.

Com o contexto de guerra, onde as políticas de extermínio de Hitler cobriram a Europa, muitos intelectuais de origem judaica foram perseguidos, resultando em exílio em outros países. A Inglaterra e os Estados Unidos foram os principais destinos, com destaque para os austríacos Friedrich Hayek e Ludwig von Mises. De acordo com Nash (2006), a recepção à produção intelectual destes autores nos Estados Unidos foi positiva, particularmente para empresários insatisfeitos com o *New Deal*, uma vez que representavam uma alternativa ao pensamento econômico keynesiano que ganhou espaço na econômica norte-americana, principalmente no pós-Segunda Guerra. Para esses intelectuais, o planejamento econômico era um caminho ao totalitarismo, sobretudo pela reflexão da experiência do nacional-socialismo alemão. Com base nessa perspectiva, qualquer governo que se baseasse nessa premissa estaria condenado à submissão, e os Estados Unidos e a Inglaterra não eram uma exceção.

Essas ideias foram divulgadas ainda nos anos 1940, quando Mises publicou sua obra *Ação humana*, mesmo ano em que se mudou para os Estados Unidos. Já Friedrich Hayek lançou o livro *O caminho da servidão* em 1944. As duas obras defendiam o capitalismo de mercado e rejeitavam qualquer tipo de controle estatal na economia. O livro de Hayek, publicado quando ainda residia em Londres, foi uma resposta ao planejamento econômico como um modelo eficiente de regulação. Sua obra recebeu

⁶ Em 1934 o presidente da *Liberty League*, o democrata Jouett Shouse, fez o seguinte discurso: “[A *American Liberty League*] é uma organização apartidária formada [...] para defender e fazer cumprir a Constituição [...] ensinar a necessidade de respeito pelos direitos das pessoas e da propriedade como fundamentais para toda forma de governo bem-sucedida [...] encorajar e proteger a iniciativa individual, de grupo e a empresa, promover o direito de trabalhar, ganhar, economizar e adquirir propriedade e preservar a propriedade e o uso legal da propriedade quando adquirida” (Shouse apud Goldstein, 2014, p. 294, tradução nossa).

⁷ No sentido de não aceitar reformas, mudanças, mas apenas a manutenção das instituições existentes. Esses grupos, em sua maioria, eram patronais e isso era um fator que ampliou sua oposição as políticas governamentais de auxílio ao trabalhador, pois este tipo de políticas, para eles, fortaleceria os sindicatos. Além da *Liberty League*, é importante destacar a *Constitutional Educational League* e a *National Association of Manufacturers*.

⁸ Como aponta Hawley (2016), os intelectuais de direita, no período entreguerras, basearam seu elitismo e hostilidade em relação às massas em sua repulsão ao totalitarismo; eles pensavam que o totalitarismo era a conclusão lógica do populismo e da celebração do homem comum.

muitas críticas no cenário inglês, mas foi nos EUA que o autor se destacou.

Seu liberalismo defendia a concorrência de mercados como uma ferramenta eficaz para a coordenação social. De acordo com Hayek (2010), era o único método eficaz contra a coação e o intervencionismo arbitrário, uma vez que toda forma de coletivismo era prejudicial ao desenvolvimento social, e isso se aplicava ao socialismo e suas variantes, como o *Welfare State*. A concorrência era uma condição natural que se manifestava de maneira espontânea para o progresso dos esforços individuais, e a intervenção nesse processo projetava as economias para uma tendência arbitrária, um “caminho para a servidão”. Com isso, a principal crítica do seu livro foi a oposição do planejamento econômico à concorrência dos mercados. O embate representou a resistência da tradição ocidental, a concorrência, contra o pensamento moderno do planejamento, visto por Hayek como a tragédia do século XX e o embrião que gerou o fascismo.

Argumentos semelhantes ao de seu professor Ludwig von Mises (2010), que entendia o livre mercado como o melhor caminho para o desenvolvimento social, e que o mínimo de intervenção do Estado provocaria um aumento do centralismo e, conseqüentemente, do totalitarismo. A competição, como vista em seu aluno, era o caminho para a liberdade não coagida, uma vez que a escolha deveria ser feita de forma espontânea e não baseada na regulação. Esse ideal econômico divergia do liberalismo do *New-Deal* “ao cercar a liberdade com conceitos adjacentes extraídos de uma cultura política que exibe características conservadoras, sem ela mesma ser totalmente conservadora” (Freeden, 1996, p. 276–277, tradução nossa).

Essas ideias ganharam espaço entre intelectuais e políticos em meados dos anos 1950, como alternativas às práticas econômicas consideradas intervencionistas. George H. Nash (2006) intitulou esse grupo de libertários ou tradição libertarianista. Seu objetivo era difundir o liberalismo de livre-mercado como o melhor modelo de ação econômica, baseadas nas reflexões de Friedrich Hayek e Ludwig von Mises, autores que influenciaram esse campo. Seus trabalhos contribuíram para o desenvolvimento teórico de economistas como Frank Knight, Henry C. Simons e Milton Friedman⁹, que também faziam parte deste grupo¹⁰ de críticos do *New Deal*, e eram professores que

⁹ Estes economistas formaram o que ficou conhecido como Escola de Chicago de Economia. “De várias formas, Friedman e a Escola de Chicago representavam, para conservadores, um avanço em relação a Hayek, Hazlitt, Rothbard e à Escola Austríaca” (Nash, 2006, p. 392, tradução nossa).

¹⁰ Também é importante citar os economistas Henry Hazlitt e Floyd Arthur Harper, ambos executivos na FEE de Leonard Reed. Nos anos 1950, Hazlitt foi um dos editores do periódico libertário *The Freeman*,

atuavam, na sua maioria, na Universidade de Chicago, que foi um dos núcleos do pensamento liberal clássico e do neoliberalismo dos EUA.

A influência desses autores, particularmente o trabalho de Hayek, colaborou para o aumento do ativismo liberal nos EUA. Este ativismo foi relevante para a criação da Sociedade *Mont Pèlerin*¹¹, criada em 1947, organização que reuniu intelectuais, economistas e empresários de diferentes nacionalidades, em uma frente ampla em defesa do liberalismo diante do cenário hostil provocado pela ascensão, em diversas economias mundiais, inclusive nos Estados Unidos, de um estado de bem-estar social estimulado pela regulação do Estado em áreas centrais, como a economia. O apoio a esse ideário liberal contou com a participação de empresários, intelectuais e jornalistas para a divulgação de publicações, palestras e cursos, como visto no ativismo do empresário estadunidense Leonard Reed. Em 1946, o empresário fundou a FEE¹² (*Foundation for Economic Education*), que promoveu o liberalismo encontrado em Hayek e Mises, por meio de eventos financiados pela sua *think tank* nos Estados Unidos. “Na década de 1950, Leonard Reed, fundador da *Foundation for Economic Education*, chamou a si de libertário” (Boaz, 1997, p. 27, tradução nossa). Em resumo, o libertarianismo celebrou o livre mercado e resgatou ideias do liberalismo clássico encontrado no pensamento econômico do século XIX.

A sensação de que o liberalismo do velho tipo clássico estava em declínio na primeira metade do século XX reuniu pensadores de várias tradições ideológicas e foi uma das poderosas influências na formação de um movimento conservador na mais liberal de todas as culturas políticas, os Estados Unidos (Gamble, 2013, p. 479, tradução nossa).

que contribuiu na divulgação de um ideário liberal, enquanto Harper transitou entre emergentes *think tanks* liberais que ganharam espaço nas décadas de 1950 e 1960. Além deles, o crítico social conservador Frank Chodorov que, como os demais, foi um grande crítico do *New Deal* e de políticas que privilegiassem o estado como protagonista na esfera econômica. O seu texto *Taxation is Robbery*, traduzido como “Imposto é roubo”, publicado em 1947, ganhou destaque entre grupos da direita brasileira em temas sobre tributação no país. O texto foi traduzido no Brasil em 2017, pela *think tank* Mises Brasil. Disponível em: < <https://rothbardbrasil.com/imposto-e-roubo/>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

¹¹ Foi uma rede internacional de intelectuais, economistas, empresários e jornalistas comprometidos com a promoção e desenvolvimento de ideias do liberalismo clássico. A Conferência foi organizada por Friedrich Hayek em 1947, nos Alpes Suíços. A reunião ocorreu no Hotel *Du Parc*, no topo do *Mont Pèlerin*. Desde então, a conferência ficou conhecida como Sociedade *Mont Pèlerin*. O objetivo do encontro foi a persuasão de intelectuais e formadores de opinião ao combate contra o socialismo, que era uma ameaça para a ordem liberal (Onofre, 2018, p.160-161).

¹² Nesse ponto vale salientar, novamente, o papel da FEE no marketing liberal. No ano de 1956, a FEE adquiriu o periódico *The Freeman*, que era conhecido nos meios liberais pelas publicações do crítico e libertário Albert Jay Nock, que havia sido seu primeiro editor na década de 1930. Essa aquisição serviu para compartilhar e financiar as publicações de Hayek e seus colaboradores da Sociedade *Mont Pèlerin*. Ver FEE. *About The Freeman*. Disponível em: < <https://fee.org/articles/about-the-freeman>>. Acesso em 02 fev. 2023.

Para eles, o livre mercado não foi a falha do século XX, mas sim a ascensão dos regimes totalitários como o nazismo, que não era um produto do capitalismo, mas sim uma variante do totalitarismo. O surgimento desta visão de mundo liberal foi estimulado pela ausência de uma tradição política e econômica que enfrentasse o avanço do estatismo, que era encontrado nas políticas do *New Deal*, em um contexto onde o planejamento econômico e políticas sociais ganharam apoio e apelo social, enquanto o liberalismo de livre-mercado estava desacreditado socialmente.

Tradicionalistas

Se, por um lado, as políticas públicas de incentivo à economia poderiam pavimentar o caminho para um regime totalitário, na visão dos libertários, por outro, os valores estadunidenses identificados na ligação dos indivíduos com Deus representado no valor da propriedade, da terra, estavam ameaçados. Essa concepção foi identificada no grupo de intelectuais chamados por Nash (2006) de tradicionalistas.

As consequências geradas pela quebra da bolsa de valores em 1929 não foram apenas econômicas. Para um grupo de estudantes de uma universidade no interior dos EUA, a crise social tinha como problema central a mudança de valores morais da sociedade estadunidense. Esses estudantes, que ficaram conhecidos como *Vanderbilt Agrarians*¹³, formaram um movimento em meados dos anos 1930 visando resgatar o idealismo agrário que prosperou no Sul dos Estados Unidos no século XIX. Seus princípios defendiam os valores da terra, propriedade, a família e a comunidade organizados pela hierarquia e normas religiosas, ideias que inicialmente surgiram como manifestações regionais de estudantes, mas que receberam relevância após o fim da guerra. Isso não era só decorrente das críticas ao *New-Deal*, mas pela ascensão de intelectuais e suas publicações que interpretaram que os Estados Unidos estavam enfrentando uma degradação da moralidade.

Essa referência ao Sul agrário como espaço de culto à nostalgia, era vista nos argumentos do professor de história da Universidade de Chicago Richard Weaver. Ele foi um estudante de *Vanderbilt University* quando os movimentos agraristas ganharam visibilidade, mas foi após a sua passagem pela Universidade que suas ideias ganharam

¹³ Ver. Nicolaisen, Peter. *The Southern Agrarians and European Agrarianism*. *The Mississippi Quarterly*, Fall 1996, Vol. 49, N. (Fall 1996), p. 683-700.

espaço, através da publicação do seu livro *Ideas Have Consequences*, publicado em 1948. O livro trata da deterioração do Ocidente diante das transformações sociais promovidas pelo secularismo. Para Weaver, havia a “suposição de que o mundo é inteligível, de que o homem é livre e de que as consequências que agora estamos sofrendo é produto não da necessidade biológica ou de qualquer outro tipo, mas de escolhas tolas” (Weaver, 2012, p. 8-9). Seu livro se alinhou ao problema percebido pelos libertários, especialmente Hayek (2010), mas por uma perspectiva diferente. Segundo Nash (2006), ambos¹⁴ perceberam o mesmo fenômeno que ocorria no Ocidente: seu declínio como resultado do triunfo de ideias nocivas à sociedade. Cada obra lamentava, de certa forma, que a experiência da Segunda Guerra tornava o impossível mais real, que era o declínio do Ocidente e de seus valores.

No entanto, os tradicionalistas não concordavam com o caminho dos libertários na interpretação do declínio moral dos EUA, pois entendiam que o totalitarismo havia ocupado as lacunas deixadas pelo próprio liberalismo, sua tolerância e apelo ao cientificismo vacilou em entender o surgimento da sociedade de massas¹⁵ como um sintoma de degradação; ao invés disso, perceberam como um sinal de prosperidade mediada pelo lucro. Argumentos encontrados no trabalho do poeta e historiador Peter Viereck, no livro *Conservatism Revisited: The Revolt Against Ideology*, publicada em 1949. Seu livro posicionou o conservadorismo entre¹⁶ liberais e totalitários, ao apresentar a visão que tanto os totalitários quanto os liberais viviam de utopias. O autor ousou utilizar o termo “conservadorismo” como um conceito que resgatava valores há muito perdidos na sociedade estadunidense.

Esse tipo de pensamento “conservador” foi ampliado anos depois das

¹⁴ Todavia, é importante citar que ambos os grupos não se alinhavam, pelo contrário. “A ideia de que as duas correntes – libertária e tradicionalista – estavam de alguma forma alinhadas não é natural. Kirk nunca se considerou particularmente aliado de Hayek e seus pares” (Garcia, 2021, p. 129).

¹⁵ Essa concepção na ótica de José Ortega Y Gasset, que o definiu como um “homem previamente despojado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil a todas as disciplinas chamadas ‘internacionais’. Mais do que um homem, é apenas uma carcaça de homem constituído por meros *idola fori* [ídolos do mercado]; carece de um ‘dentro’, de uma intimidade sua, inexorável e inalienável, de um eu que não possa revogar. Daí estar sempre em disponibilidade para fingir ser qualquer coisa. Tem só apetites, crê que só tem direito e não crê que tem obrigações: é o homem sem nobreza que obriga – *sine nobilitate* [sem nobreza] – *snob* [esnobe]” (Gasset, 2013, p. 21).

¹⁶ O autor se posicionou em referência ao conservadorismo nacionalista encontrado no estadista austríaco Klemens von Metternich, em oposição a interpretação vista em Edmund Burke. Esse movimento entre conservadores e liberais (libertários), em sua concepção, provocaria o mesmo resultado encontrado na esquerda marxista, a prioridade do material para entender os problemas sociais. Sua preocupação era com “a defesa e promoção dos valores do humanismo clássico e do cristianismo, fonte de valores universais que não poderiam ser ignorados em favor de interesses de classe” (Santos, 2024, p. 109).

publicações de Weaver (1948) e Viereck (1949) com um jovem universitário chamado William Buckley Jr. que, assustado com a experiência que teve na Universidade de Yale, realizou denúncias contra um tipo de ortodoxia antiliberal e ateu mobilizada na Universidade em um livro manifesto, publicado em 1951, com o título *God and Man at Yale*. De acordo com Buckley (2001), não existia uma liberdade acadêmica, mas uma imposição ideológica no ensino universitário dos EUA. Contudo, foi na publicação do filósofo Russell Kirk, *The Conservative Mind*, publicado em 1953, que os tradicionalistas adquiriam uma identidade e credibilidade no meio acadêmico. O livro de Kirk estimulou a emergência de uma “autoconsciência conservadora” que mobilizasse uma articulação intelectual.

Seus argumentos seguiram os passos do medievalista inglês Fossey John Cobb Hearnshaw e do seu livro *Conservatism in England*, publicado em 1933. Nessa obra, o autor listou dez princípios para uma definição do conservadorismo. Kirk (1953, p. 40–41), diferente de Hearnshaw, listou seis que, para ele, compreendiam o pensamento político conservador, resumidos em: a crença em uma ordem transcendente, ou corpo de leis naturais, que rege a sociedade, bem como a consciência; a convicção de que a sociedade civilizada requer ordens e classes, em oposição à noção de uma sociedade sem classes; a persuasão de que a liberdade e a propriedade estão intimamente ligadas, e sua separação afirmaria a legitimidade da expansão do Estado; a fé na prescrição e desconfiança de sofistas, calculistas e economistas que reconstruiriam a sociedade com base em projetos abstratos. E, por fim, o reconhecimento de que a mudança pode não ser uma reforma benéfica, e que a inovação apressada pode ser uma conflagração devoradora, em vez de uma tocha para o progresso.

Nesse meio, também houve a participação de intelectuais emigrados que contribuíram com este campo conservador, como o professor germânico Eric Voegelin que havia se estabelecido na Universidade do Estado da Louisiana ainda na década de 1930. Voegelin publicou trabalhos sobre a história e filosofia cristã como instrumentos para a compreensão dos problemas contemporâneos. Seu livro *A nova ciência política*, lançado em 1952, interpretou o totalitarismo como consequência de um processo de rebelião contra a Igreja provocada pelo gnosticismo, entendido por ele como a essência da modernidade.

A ascensão do gnosticismo nessa encruzilhada crítica aparece agora, sob nova luz, como a formação incipiente de uma teologia civil ocidental. A imanentização do *eschaton* cristão tornou possível dotar

a sociedade, em sua existência natural, de um significado que o Cristianismo lhe negara. E o totalitarismo de nosso tempo deve ser entendido como o fim da estrada percorrida pelos gnósticos na busca de uma teologia civil (Voegelin, 1982, p. 119).

Além de Voegelin, é importante mencionar o alemão Leo Strauss, emigrado da Europa ainda na década de 1930. O filósofo lecionou filosofia política na Universidade de Chicago a partir de 1949, e foi um importante intelectual para o conservadorismo estadunidense. O seu livro publicado em 1953, *Natural Right and History*, formulou a tese que a moderna filosofia política dos contratualistas, especialmente o conceito de estado de natureza de Hobbes, produziu um equívoco na busca da razão como reação ao medo, pois a concessão de poder ao soberano não foi pela racionalidade, mas pela vontade. Esse princípio rompeu com a tradição clássica e abriu margens para o surgimento do historicismo e positivismo, que prezavam pela condução e manutenção do secularismo como eixo racional. Strauss viu nesses movimentos a formação do mecanismo de degradação do Ocidente (Nash, 2006).

Enquanto, para os antigos, filosofar significa sair da caverna, para os nossos contemporâneos todo filosofar pertence essencialmente a um "mundo histórico", "cultura", "civilização", "*Weltanschauung*", isto é, ao que Platão chamava de caverna. Chamaremos essa visão de "historicismo" (Strauss, 1965, p. 12, tradução nossa).

Esses novos conservadores, como aponta Nash (2006), eram orientados historicamente por uma visão europeia, mais do que os liberais clássicos. Os conservadores tradicionalistas exaltavam a sabedoria de pensadores políticos do século XVIII britânico, como o filósofo político irlandês Edmund Burke¹⁷, visto por eles como o fundador do conservadorismo moderno. Eles também exaltaram os escritos do diplomata e filósofo francês Alexis de Tocqueville, além dos escritos do autor anglo-americano T. S. Eliot¹⁸. Os tradicionalistas buscaram um retorno ao cristianismo ortodoxo no ensino de uma clássica lei natural mediado por instituições comunitárias, como igrejas e sinagogas (Nash, 2021). A defesa dessa orientação buscou recuperar o

¹⁷ Se em Burke havia o iluminismo como pensamento que degradaria a ordem e hierarquia social dos valores ocidentais, para os tradicionalistas havia as consequências destas luzes na forma do liberalismo, e os frutos do seu progressismo: o comunismo. "Por seguir estas falsas luzes, a França comprou calamidades inegáveis, a um preço mais elevado do que o que alguma outra nação pagou pelas bênçãos mais inequívocas. França comprou a pobreza com o crime! França não sacrificou a sua virtude ao seu interesse, mas abandonou o seu interesse, para poder prostituir a sua virtude! Todas as outras nações começaram a constituir um novo governo, ou a reforma de um antigo, estabelecendo originalmente, ou impondo mais meticulosamente algum rito religioso" (Burke, 2015, p. 89).

¹⁸ Foi um influente escritor, poeta e crítico literário nascido no Missouri, EUA, em 1888.

espírito da civilidade ocidental perdido com a ascensão do liberalismo secular, que estava, segundo eles, deteriorando o Ocidente. Para isso, enfatizaram a tradição cristã e a filosofia clássica como os meios de retorno a um estado de origem. Seu diagnóstico apontou que o declínio da religião provocou a ascensão de um racionalismo, o prestígio do materialismo científico, enquanto a experiência firmada por valores tradicionais, que conduziam a conduta social por uma hierarquia subordinada em classes, perdeu espaço neste cenário de ideias “perniciosas”.

Esses pensadores buscaram resgatar um passado mítico dos EUA, baseado em tradições e valores estrangeiros. Suas publicações ganharam visibilidade no meio intelectual americano, e isso ressaltou suas vozes diante do cenário de hegemonia liberal. Mas, ainda assim, se apresentavam isolados¹⁹ em uma conjuntura de tensão política promovida pela Guerra Fria e a boa recepção dos programas do *New Deal*.

Anticomunistas da guerra fria

Enquanto a mobilização de valores na esfera da economia e da filosofia rivalizavam argumentos e caminhos para combater o totalitarismo como campo de influência, a repercussão de questões políticas relacionadas à segurança da América eram cada vez mais debatidas. Nesse caso, a extinção dos EUA foi a preocupação central de figuras que foram no passado ex-radicais ligados a grupos socialistas, mas que, com o início da Segunda Guerra, perceberam que o advento do totalitarismo como regime de governo não era apenas uma ameaça aos valores estadunidenses, mas sim a sua própria existência. Esses grupos de intelectuais, funcionários públicos e políticos ficaram conhecidos como anticomunistas da guerra fria (Nash, 2006).

Os desdobramentos políticos da União Soviética no início da Segunda Guerra, como no pacto de não agressão com a Alemanha em 1939, abalaram os entusiastas socialistas nos EUA. Além disso, os expurgos de Moscou, o assassinato de Trotsky e os relatos sobre o uso da força de Stálin em seu governo, confirmado por Khrushchev na

¹⁹ No início dos anos 1950 o conservadorismo era entendido como um campo inexpressivo e isolado, como apontou o crítico literário Lionel Trilling: “Atualmente, nos Estados Unidos, o liberalismo não é apenas a tradição intelectual dominante, mas até mesmo a única. Pois é fato que hoje em dia não há ideias conservadoras ou reacionárias em circulação geral. Isso não significa, é claro, que não haja impulso ao conservadorismo ou à reação. Tais impulsos são certamente muito fortes, talvez até mais fortes do que a maioria de nós imagina. Mas o impulso conservador e o impulso reacionário não se expressam, com algumas exceções isoladas e algumas eclesiásticas, em ideias, mas apenas em ações ou em gestos mentais irritáveis que procuram assemelhar-se a ideias” (Trilling, 2008, p. 12, tradução nossa).

década de 1950, enfraqueceu o apoio ao regime soviético nos EUA e foi um importante aspecto que conduziu muitos ativistas da esquerda a se posicionarem à direita do espectro político nos EUA ainda no seu início. Nesse enredo, o liberalismo²⁰ americano pré-guerra também havia produzido este receio nas décadas de 1920 e 1930, especialmente pelas consequências²¹ de 1929. Na concepção de figuras como do ex-ativista socialista e escritor James Burnham (Nash, 2006), a guerra foi uma articulação liberal, uma cruzada internacionalista para criação de uma paz liberal, mas que ao final não alcançou o seu objetivo e, por falha na sua condução, concedeu espaço ao desenvolvimento do comunismo, quando não o combateu, no fim da Segunda Guerra.

Com isso, buscaram corrigir a falha dos liberais, por entenderem que o comunismo era uma ameaça existencial. Essa percepção estava explícita no livro do jornalista estadunidense Eugene Lyons, *Red Decade*, publicado em 1941, em que retrata a sua visita à URSS nos anos 1930 e a mudança de sua postura, de apoio à crítica ao regime soviético. De acordo com Nash (2006, p. 126), as raízes anticomunistas do movimento intelectual conservador se estabeleceram após 1945, como resposta a aspectos ascendidos na década de 1930: os libertários compreendiam que as políticas do *New Deal* estavam pavimentando um caminho para o coletivismo, logo para o totalitarismo. Enquanto os tradicionalistas entendiam o comunismo como um tipo de niilismo filosófico imposto pelo culto ao secularismo e o surgimento do homem massa — na concepção do ativista político Jose Ortega Y Gasset —, os ex-socialistas, companheiros de uma ilusão socialista na década de 1930, compreendiam que o comunismo era uma ameaça que transcendia os valores culturais e a própria existência do Ocidente.

Nessa leitura (Lyons, 1941; Burnham, 1947), as dimensões de atuação do comunismo eram amplas o suficiente para ameaçarem não apenas a conjuntura externa, mas também o contexto interno dos EUA, e não havia essa percepção pela sociedade. O liberalismo de Roosevelt e, inicialmente, de Truman conduziu a política estadunidense passivamente por tentar conciliar democracia e comunismo, mas eram

²⁰ Essa referência se define no modelo político não intervencionista baseado em valores do *Laissez-faire*, que conduziu o regime capitalista até o início da Primeira Guerra Mundial.

²¹ A economia americana sofreu com a crise da bolsa de 1929. As taxas de desemprego oscilaram de 3% em 1929 para 24% em 1932. O setor agrícola foi um dos mais atingidos pela falta de incentivo para o controle dos preços gerando com isso a perda de propriedade dos produtores rurais por não terem capital para manutenção da produção agrícola. Ver. Lebergott, Stanley. *Annual estimates of unemployment in the United States, 1900-1954*. In. *The Measurement and Behavior of Unemployment*. Nber: Massachusetts, 1957. p. 211-242. Disponível em: <https://www.nber.org/system/files/chapters/c2644/c2644.pdf>. Acesso em 20 jan. 2023.

caminhos opostos, incompatíveis de conciliação, segundo esses autores. Desta forma, apresentar projetos que permitissem a tolerância ao comunismo desde que não atacassem a Europa ocidental, representava uma contradição e ineficaz modelo de política externa.

No final da década de 1940 e meados dos anos 1950, a mobilização destes ex-socialistas foi importante na produção de discussões estratégicas de ação política contra a URSS. A produção intelectual de James Burnham se destacou nesse meio por apresentar argumentos de contra-ataque ao que ele considerava o início da Terceira Guerra Mundial e das pretensões de dominação da URSS. Além dele, é importante mencionar a participação²² e atuação de Whittaker Chambers — autor que se tornou uma referência aos novos conservadores —, e toda repercussão do caso Alger Hiss e seu relato no livro *Witness*, publicado em 1952. O texto é um relato sobre as intenções soviéticas no desejo de dominação mundial, além de revelações de uma rede de espionagem dentro dos EUA. Na interpretação de Chambers (2002), havia uma intrigada e complexa rede de influência soviética dentro dos EUA que colocava em risco a própria existência da América e todo o Ocidente.

O mesmo horror e devastação da Primeira Guerra Mundial, que possibilitou a Revolução Russa, recrutou as fileiras dos primeiros partidos comunistas do Ocidente. Manifestações secundárias de crise as ampliaram — a ascensão do fascismo na Itália, do nazismo na Alemanha e da Guerra Civil Espanhola. A crise econômica que atingiu os Estados Unidos em 1929 arrastou milhares para o Partido Comunista ou sob sua influência. A crise militar da Segunda Guerra Mundial atingiu outros milhões; por exemplo, um terço da população votante da França e da Itália. A crise da Terceira Guerra Mundial está, sem dúvida, mantendo esses milhões e aumentando-os. Seja o que for que o resto do mundo decida acreditar, pode-se dizer sem reservas que os comunistas acreditam que a Terceira Guerra Mundial é inevitável. (Chambers, 2002, p. 256, tradução nossa).

O seu depoimento no caso Alger Hiss, em que acusou um funcionário do departamento de Estado de ser um espião soviético, demonstrou que os EUA já estavam sob ataque. A repercussão do caso colocava em risco a integridade do governo dos EUA, e fragilizava sua posição diante da opinião pública²³, principalmente pelo

²² Havia outros de igual importância, como o escritor e intelectual Max Eastman, o intelectual acadêmico Frank Meyer, o historiador americano William Henry Chamberlin e o advogado William A. Rusher, além de periódicos como o *American Mercury*.

²³ O caso Alger Hiss e sua repercussão abriu espaço para figuras como Richard Nixon, que ganhou a reputação de “caçador de espões” pelo partido republicano, e o senador Joseph McCarthy e sua política anticomunista. A repercussão do caso foi uma das responsáveis pela radicalização da imaginação

vazamento e repercussão que o caso teve na mídia. Uma das reações que exemplificam a preocupação contra essa influência soviética foi do autor James Burnham. Para ele, os Estados Unidos eram imaturos politicamente para compreender o tamanho do perigo que era os regimes totalitários, pois não perceberam que a Terceira Guerra Mundial já estava em curso. É “incrível que dezenas de milhões de cidadãos americanos sejam guiados em seu senso político por colunistas e locutores de rádio educados por escândalos comerciais, comentaristas esportivos e vendedores de charutos” (Burnham, 1947, p. 19–20, tradução nossa). Estes militantes da esquerda trouxeram para a direita estadunidense do pós-guerra uma profunda convicção de que a América, o Ocidente, estava em uma luta titânica contra um inimigo implacável: o comunismo, que procurou nada menos do que a conquista do mundo (Nash, 2006).

Deste modo, o liberalismo moderno — filosofia política do presidente Franklin Delano Roosevelt e seus sucessores — era uma ideologia que exaltava a burocracia e o *welfare-state* que, não controlada, transformaria os EUA em um regime totalitário. Esse Estado destruiria a liberdade individual e a esfera da vida privada, que, para James Burnham e Whittaker Chambers, era essencialmente o reconhecimento da destruição da América. “Apresentei, como hipótese de meu estudo, a premissa de que o esquerdismo é a ideologia do suicídio Ocidental. Se quiser restringir a premissa ao âmbito americano [...], é a ideologia do suicídio americano” (Burnham, 2020, p. 55).

Para os tradicionalistas, o moderno liberalismo era uma corrosiva filosofia na qual desintegrava não apenas a liberdade, mas também as raízes morais e religiosas da sociedade tradicional. O liberalismo moderno havia criado um vácuo que permitiu a escalada totalitária; na esfera política, aquilo que os “americanos chamam de ‘esquerdismo’ [liberalism] corresponde, grosso modo, ao que os franceses chamam de ‘progressismo’ e une o que é conhecido na Europa e na América Latina como ‘esquerda’ e ‘centro’” (Burnham, 2020, p. 54). Para estes ex-socialistas, o moderno liberalismo era visto como racionalista, relativista, secularista, antitradicional, e ainda quase socialista e incapaz de resistir ao inimigo da esquerda (Nash, 2006). Liberalismo, para eles, era parte da esquerda, e esses anticomunistas se identificavam pela necessidade de viabilizar um caminho alternativo ao liberalismo internacionalista e tolerante à própria destruição dos EUA. Mas, também, por apresentar formas de se

anticomunista na América. Ver. Weinstein, Allen. The Alger Hiss Case Revisited. *The American Scholar*, vol. 41, n. 1, Winter 1971-72, p. 121-132. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/41209038>>. Acesso em 05 abr. 2023.

contrapor ao comunismo como um perigo à soberania estadunidense dentro de seu próprio território.

Assim, mesmo que as diferenças²⁴ entre ideias identificadas em intelectuais tradicionalistas e libertários fossem significativas, o elemento do comunismo era um mal maior a se combater. No entanto, o elo que pudesse aglutinar essas linguagens assimétricas em um espaço de ação comum surgiu apenas no ano de 1955, com o nascimento de uma revista que centralizou esses grupos e tratou de combater tanto o liberalismo vacilante, baseado nas ideias de Keynes, como a presente ameaça comunista: a revista *National Review*.

***National Review* e o movimento intelectual conservador**

Em meados dos anos 1950 era possível identificar na direita conservadora estadunidense três grupos parcialmente relacionados: os libertários, os tradicionalistas e os anticomunistas da guerra fria. Não havia barreiras rígidas que separassem estes grupos. Os libertários e tradicionalistas eram anticomunistas, enquanto os ex-socialistas endossavam geralmente o livre-mercado e as tradições ocidentais. Contudo, havia profundas discordâncias entre os libertários e tradicionalistas na interpretação do melhor caminho para a organização da sociedade. Para os libertários, a liberdade individual era um valor fundamental, enquanto para os tradicionalistas, que eram mais orientados religiosamente do que os libertários, o valor fundamental da sociedade não era uma incondicional liberdade, mas uma liberdade ordenada, fundamentada na comunidade e repousada sobre a cultivação da virtude no indivíduo. Tal cultivação, argumentaram os tradicionalistas, não surgiu espontaneamente (Nash, 2021), pois necessitava de uma mediação na condução das instituições e no autogoverno. Assim, libertários tendiam a acreditar nos benefícios de uma não-coação e de uma espontânea ordem social, tanto nos mercados quanto na vida social (Hayek, 2010; Mises, 2010). Em contrapartida, os tradicionalistas toleravam uma ordem espontânea dos mercados como oposição ao socialismo e estatismo, mas estavam longe de serem otimistas sobre

²⁴ O alerta dos anticomunistas diante do inimigo soviético viabilizou uma trégua entre tradicionalistas e libertários. “Hayek argumentou que antes do surgimento do socialismo como força política, o liberalismo (no sentido clássico) era o principal oponente do conservadorismo. O nascimento de poderosos partidos socialistas mais tarde forçou conservadores e liberais clássicos a se unirem por uma causa comum, mas isso não indicava que os dois sejam idênticos. Em muitos aspectos, Hayek era tão hostil ao conservadorismo quanto ao socialismo” (Hawley, 2016, p. 25, tradução nossa).

uma desregulação da ordem moral (Viereck, 1949; Kirk, 2001).

Essas questões ainda eram afetadas pelas críticas de acadêmicos²⁵ e intelectuais que condenavam sua percepção da realidade. Os tradicionalistas eram vistos como figuras que apelavam para valores nostálgicos de uma tradição cultural estrangeira que não existia nos EUA, como no apelo ao conservadorismo de Edmund Burke. Para Nash (2006), esses críticos entendiam que a tradição americana era liberal e, portanto, não havia espaço para importação de tradições. O conservadorismo deveria reafirmar a tradição liberal²⁶, pois o conservadorismo burkeano era um reflexo de uma sociedade aristocrática baseada em uma ética feudal, que não correspondia com a dinâmica de progresso dos EUA, enquanto os anticomunistas e libertários eram apontados como conspiracionistas, visto nas críticas do historiador Richard Hofstadter (1964) e do sociólogo Seymour Martin Lipset (1955), que associaram esses grupos ao conspiracionismo do senador Joseph McCarthy e de grupos radicais como *Birch Society*²⁷. Na concepção destes críticos, o conservadorismo e seus impulsos não passavam de uma reunião de ex-radicais frustrados que não se encaixavam no mundo moderno (Nash, 2006, p. 192–193).

Os conservadores entenderam estes argumentos como o resultado da hegemonia liberal nas universidades e na sua produção intelectual, livros e periódicos, vistas por eles como um ambiente dominado pela esquerda. Apesar disso, William Buckley Jr. (2001) compreendeu que a arena acadêmica era o campo ideal de disputa, pois, para ele, as ideias que regulavam a estrutura social estadunidense estavam minando e distorcendo o conceito de sociedade tradicional e isso deveria ser alterado. Essa realidade mobilizou Buckley Jr. a pensar um modo de resposta, mas para isso o conflito entre libertários e tradicionalistas deveria ter uma resolução.

A resposta veio com criação de um periódico que atendesse todo o *mainstream* desta “nova direita conservadora”, e isso ocorreu com a mediação de Buckley Jr., que personificou cada impulso no desenvolvimento de uma coalizão. Ele era de uma só vez um tradicionalista cristão, um defensor do livre-mercado e um firme anticomunista. Essa articulação teve como resultado a criação, em novembro de 1955, do periódico

²⁵ Essas críticas podem ser vistas no livro organizado pelo sociólogo Daniel Bell *The New American Right*, publicado em 1955. Com artigos de intelectuais acadêmicos como Richard Hofstadter, Nathan Glazer, Peter Viereck, Seymour Martin Lipset, dentre outros.

²⁶ Isso é visto nos argumentos do cientista político Louis Hartz (1955), sobre a tradição liberal nos Estados Unidos e suas particularidades.

²⁷ Um grupo de extrema-direita norte-americano que ganhou notoriedade no combate ao comunismo entre 1958-1968.

*National Review*²⁸:

O lançamento de um jornal semanal conservador de opinião em um país amplamente considerado um bastião do conservadorismo à primeira vista parece um trabalho de exagero, como publicar um semanário monarquista nos muros do Palácio de Buckingham. Não é isso, claro; se a *National Review* é supérflua, é por razões muito diferentes: ela se coloca na contramão da história, gritando pare, numa época em que ninguém está inclinado a fazê-lo. (Buckley Jr., 1955, p. 5, tradução nossa).

A iniciativa articulada por Buckley ocorreu a partir da frágil identidade conservadora promovida pela tensão entre libertários e tradicionalistas. Segundo Buckley (1955), o mundo estava virado de ponta-cabeça, e distorcido por valores que não correspondiam a tradição social dos EUA, conservadora por natureza.

A *National Review* está fora de lugar, no sentido de que as Nações Unidas e a Liga das Mulheres Eleitoras e o *New York Times* e Henry Steele Commager estão no lugar. Está deslocado porque, em sua maturidade, a América letrada rejeitou o conservadorismo em favor da experimentação social radical (Buckley Jr., 1955, p. 5, tradução nossa).

Buckley, ao criar o periódico, forneceu para o campo não só a possibilidade de fortalecimento do *marketing* conservador mas uma identidade, por reunir impulsos distintos em um mesmo espaço. Além dele, é importante destacar o trabalho intelectual de Frank Meyer. O filósofo político foi um comunista até pouco antes da Segunda Guerra mas, durante este contexto, foi influenciado pelas ideias de Hayek, especialmente sua obra *O caminho da servidão*. Sua virada para a direita ocorreu no início dos anos 1950, período que conheceu Buckley Jr. e se relacionou com o seu ativismo, o que resultou no seu cargo de editor na *National Review*. Meyer contribuiu ao formular um caminho para o consenso, que ficou conhecido como fusionismo. Era a fusão de paradigmas conceituais em competição, ideias libertárias contra ideias tradicionalistas. A síntese do fusionismo foi publicada em um livro organizado por Meyer em 1964: *What is Conservatism?* O livro apresenta a formação de um compromisso entre os grupos conservadores naquilo que os aproximavam. Dentre as

²⁸ É importante ressaltar que, antes da criação da *National Review*, havia outros periódicos que publicavam autores de direita, como *American Mercury*, *Freeman* e *Human Events*. No entanto, como aponta Hawley (2016), a *National Review* ofuscou todas essas outras publicações e se tornou o principal jornal de opinião conservadora.

resoluções propostas e destacadas²⁹ por Meyer (2015) o combate ao comunismo foi o elo que os reuniu.

A teoria construída por Meyer não convenceu seus críticos e nem todos aprovaram sua exaltação à liberdade individual. Mas, como uma fórmula de ação política e sinal de reconhecimento da situação que se encontrava o conservadorismo estadunidense, o projeto de Meyer teve êxito. Ele insistiu aos libertários e tradicionalistas que eles eram necessários uns para os outros e que o conservadorismo estadunidense não deveria se tornar uma doutrina para ser relevante e influente, que ainda contou com o apoio dos anticomunistas (ex-socialistas) para cimentar essa relação. O alerta sobre a presença de um perigoso inimigo externo, a União Soviética, era trágico tanto para a liberdade e a virtude quanto para a livre iniciativa. Portanto, a colaboração de ambos era central para o despertar de um movimento que interrompesse o crescimento do comunismo.

O sucesso dessa aliança não se provou apenas no campo das ideias, com o surgimento da *National Review* como uma expressão intelectual do conservadorismo nos EUA, mas também no campo político. A campanha do candidato à presidência Barry Goldwater³⁰ em 1964, endossada pelos editores da revista, teve um expressivo engajamento³¹. Mesmo com a derrota, a eleição foi educativa para o grupo, pela percepção que a disputa eleitoral demandava uma maior difusão de sua agenda para uma resposta positiva nas urnas, pois o retorno ganho pelo pouco espaço que tiveram foi positivo. William Buckley Jr. também foi candidato, mas para prefeito de Nova York em 1965. O autor perdeu as eleições, mas teve uma margem convincente de votos, 13,4%. Essas investidas refletiram nas vendas do periódico, que até o início dos anos 1960 contava com trinta mil exemplares, mas no final da década alcançou a cifra de cem mil exemplares³².

No entanto, mesmo sendo bem recebida no meio de intelectuais conservadores,

²⁹ O planejamento da vida humana; A centralização da pessoa humana como centro necessário para o pensamento social e político; aversão ao uso do poder do Estado na imposição de padrões ideológicos; liberdade ordenada pela concepção encontrada nos autores da Constituição; uma ordem moral objetiva, “baseada no que Eric Voegelin chamou de ‘a constituição do ser’ – isto é, a existência de padrões imutáveis pelos quais a conduta humana deve ser julgada” (Meyer, 2015, p. 198, tradução nossa).

³⁰ O senador republicano foi um dos expoentes e porta-vozes do movimento conservador, especialmente da ala tradicionalista.

³¹ A vitória de Lyndon Johnson foi expressiva sobre Goldwater, mas sua derrota gerou visibilidade a sua imagem e as agendas que defendeu, pois após a eleição se reelegera ao senado por mais três mandatos: 1968, 1974 e 1980. Além disso, sua imagem se tornou uma referência ao combate comunista e uma importante influência para campanhas de pautas conservadoras, especialmente de Richard Nixon e Ronald Reagan.

³² Ver. Nash, 2006, p. 398.

nem todos se sentiram à vontade em contribuir com suas publicações. Peter Viereck se recusou a participar da revista, em parte pelo apoio dos editores ao senador Joseph McCarthy. A crítica³³ dos liberais e outros conservadores aos radicais da direita foi um tópico de discussão que impossibilitava a confiança da *intelligentsia* do país a figuras como William Buckley e Russell Kirk, principalmente pelo apoio e indiferença às ações de McCarthy na sua perseguição³⁴ a comunistas. Aliado a isso, havia a dificuldade de Buckley e outros intelectuais ligados à revista em se desassociarem de grupos radicais da direita como da *Birch Society*, organizado pelo empresário anticomunista Robert Welch³⁵, fator que impediu o aumento da credibilidade da revista nos primeiros anos. O conspiracionismo de Welch em acusar, por exemplo, o ex-presidente Eisenhower de comunista manchava a imagem e ridicularizava o posicionamento da direita no debate público. Contudo, a resposta veio na crítica feita pelos editores em 1965, em condenar todos os participantes do grupo de Welch. Essa atitude evidenciou, mesmo que com atraso, uma maturidade e um crescimento intelectual no movimento de Buckley (Nash, 2006, p. 398), sobretudo em um momento em que o conservadorismo estadunidense se consolidava como um movimento intelectual.

Considerações Finais

O conservadorismo apresentado por Nash influenciou o partido republicano que teve a campanha de Barry Goldwater como o início de sua jornada no campo político, que culminou com a vitória de Ronald Reagan e o fim do Estado de bem-estar social, *Welfare State*, no final dos anos 1970. Seu trabalho organizou e descreveu como se desenvolveu um conjunto de ideias políticas que ganharam destaque no início dos anos 1950, mediadas pelo periódico *National Review*. Seus intelectuais influenciaram uma parcela importante da direita estadunidense ao longo da segunda metade do

³³ O incômodo de intelectuais, como Viereck, ocorreu pelo posicionamento radical de autores da revista. Em 1957, por exemplo, em um artigo de Richard Weaver, publicado em 13 de julho, com o título *Integration is communization*, Weaver criticou a decisão da suprema corte no caso *Brown v. Board of Education* (1954), onde o judiciário decidiu ser inconstitucional a separação de estudantes brancos e negros em escolas públicas do país. Weaver aponta que o “*racial collectivism*” estava sendo usado para forçar a perda dos direitos da propriedade privada. O combate à discriminação racial seria uma ferramenta da esquerda para corromper o direito à propriedade privada. Disponível em: <https://archive.org/details/sim_national-review-1955_1957-07-13_4_3/page/66/mode/2up>. Acesso em 25 fev. 2023.

³⁴ O chamado Macarthismo.

³⁵ Escritor e empresário norte-americano, que ficou conhecido como fundador e a principal figura do grupo *John Birch Society*. Ver. Mulloy, 2014.

século XX, e isso foi uma demonstração da relevância deste pensamento na tradição política dos Estados Unidos, especialmente no contexto da Guerra Fria.

A vitória de Donald Trump em 2016, e o seu retorno à presidência em 2024, é um exemplo que o pensamento político estadunidense é diversificado e com diversas nuances, por mais absurdas que possam parecer. Como apontado por Phillips-Fein (2011), cabe aos historiadores a atenção ao inusitado e ao bizarro, pois podem ser esses os caminhos onde transformações ou mudanças políticas estejam ocorrendo.

Referências

BELL, Daniel. *New American Right*. 3. ed. Nova York: Routledge, 2017.

BOAZ, David. *Libertarianism: A Primer*. New York: The Free Press, 1998.

BRINKLEY, Alan. *The Problem of American Conservatism*. *American Historical Review*. Volume 99, edição 2, p. 409-429, abril/1994.

BUCKLEY Jr. William F. *God and Man in Yale: 50th Anniversary Edition*. Washington: Gateway Editions, 2001.

_____. *Publisher's Statement*. *National Review*, vol. 1, 19 nov. 1955. p. 5. Disponível em: < https://archive.org/details/sim_national-review-1955_1955-II-19_1_1/page/4/mode/2up>. Acesso em 02 fev. 2023.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

BURNHAM, James. *The Struggles for the World*. London: Jonathan Cape, 1947.

_____. *O suicídio do Ocidente: um ensaio sobre o significado e o destino do esquerdismo*. Campinas: Vide Editorial, 2020.

CHAMBERS, Witter. *Witness*. 50th Anniversary edition. Washington D.C: Regnery Publishing, 2002.

CRITCHLOW, Donald T. *Phyllis Schlafly and grassroots conservatism: a woman's crusade*. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

FREEDEN, Michael. *Ideologies and Political Theory: a conceptual approach*. New York: Oxford University Press, 1996.

GAMBLE, Andrew. *Economic Libertarianism*. In: FREEDEN, Michael (Ed.). *The Oxford Handbook of Political Ideologies*. New York: Oxford University Press, 2013.

GARCIA, Bruno. *O Movimento Conservador Norte Americano e o 11 de Setembro*. *Locus: Revista de História*, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 123-149, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/33847>. Acesso em 20 dez. 2022.

GASSET, José Ortega Y. Tradução: Herrera Filho. *A rebelião das Massas*. Jerusalém: Ruriak Ink, 2013.

GOLDSTEIN, Jared A. *The American Liberty League and The Rise of Constitutional Nationalism*. Temple Law Review, v. 86, n. 2, 2014, p. 287-330. Disponível em: <
<https://www.templelawreview.org/article/the-american-liberty-league-and-the-rise-of-constitutional-nationalism/>>. Acesso em 22 mar. 2021.

HARTZ, Louis. *The Liberal Tradition in America*. New York: Harcourt Mifflin Harcourt, 1991.

HAWLEY, George. *Right-Wing Critics of American Conservatism*. Kansas: University Press of Kansas, 2016.

HAYEK, F. A. *O caminho da servidão*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

HEARNSHAW, F. J. C. *Conservatism in England*. Londres: Macmillan & Co., Limited, 1933. Disponível em: <
https://books.google.com.br/books?id=YioGAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 03 fev. 2023.

HOFSTADTER, Richard. *The Paranoid Style in American Politics and Other Essays*. Harvard University Press: Massachusetts, 1964.

HUNTINGTON, Samuel P. *Conservatism As na Ideology*. The American Political Science Review, vol. 51, n.2, p. 454-473, jun., 1957.

JOHNSON, Eric. Rep. Nancy Pelosi: 'I guarantee it,' Trump won't be president. *Vox*, 16 mai. 2016. Disponível em: <https://www.vox.com/2016/5/16/11679242/nancy-pelosi-trump-guarantee-kara-swisher-podcast>. Acesso em 19 jan. 2023.

KIRK, Russell. *The Conservative Mind: From Burke to Eliot*. Washington, DC: Regnery Publishing, 2001.

LIMONCIC, Flávio. *Os inventores do New Deal*. Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930. 2003. 289 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

LIPSET, Seymour Martin. *The Sources of the "Radical Right"*. In. BELL, Daniel (Org.). *The Radical Right*. New York: Routledge, 1955. p. 307-371.

LYONS, Eugene. *The Red Decade*. New York: The Bobbs-Merrill Company Publishers, 1941.

McGIRR, Lisa. *Suburban Warriors: The Origins of the New American Right*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

MEYER, Frank S. (Ed.). *What is Conservatism?* ISI Books: Delaware, 2015.

MISES, Ludwig von. *Ação Humana*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2010.

MULLOY, D. J. *The world of the John Birch Society: Conspiracy, Conservatism, and the Cold War*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2014.

NASH, George. *The Conservative Intellectual Movement in America: since 1945*. 30 ed. Wilmington: Isi Books, 2006.

_____. *Conservatism: Past and Present*. In: Intercollegiate Studies Institut. **Youtube**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XuW-yvXnGMc&t=1213s>. Acesso em 10 dez. 2022.

_____. *History of American Conservatism*. **Youtube**. Hasp: Hope Academy of Senior Professionals, 30 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VEyxXtGrFhs>>. Acesso em 30 jan. 2023.

ONOFRE, Gabriel da Fonseca. *O papel dos Intelectuais e Think Tanks na propagação do Liberalismo econômico na segunda metade do século XX*. 2018, 368 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

PERLSTEIN, Rick. *I Thought I Understood the American Right. Trump Proved Me Wrong*. The New York Times Magazine, april, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/04/11/magazine/i-thought-i-understood-the-american-right-trump-proved-me-wrong.html>>. Acesso em 15 jan. 2022.

PHILLIPS-FEIN, Kim. *Invisible Hands: The businessmen's Crusade Against the New Deal*. Nova Iorque: W. W. Norton, 2010.

_____. *Conservatism: A State of the Field*. The Journal of American History, v. 98, No. 3 (December 2011), p. 723-743. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41510116?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents>. Acesso em 27/01/2021.

REISS, Tom. *The First Conservative: How Peter Viereck inspired-and lost-a movement*. The New Yorker, 2005. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2005/10/24/the-first-conservative>>. Acesso em 18 jan. 2023.

SANTOS, Fabio Muruci. *Peter Viereck, conservadorismo e política externa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria (1942 – 1964)*. Dimensões, Vitória, v. 52, n. 1. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/44015>>. Acesso em: 15 out. 2024.

SCHNEIDER, Gregory. *Conservatism in America Since 1930*. New York: New York University Press, 2003.

STRAUSS, Leo. *Natural Right and History*. Chicago and London: The University of

Chicago Press, 1965.

TRILLING, Lionel. *The Liberal Imagination: Essays on Literature and Society*. New York: New York Review Books, 2008.

VIERECK, Peter. *Conservatism revisited: The Revolt against Revolt 1815-1949*. London: John Lehmann, 1949.

VOEGELIN, Eric. *A Nova Ciência Política*. 2º ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

WEAVER, Richard M. *As ideias têm Consequências*. São Paulo: Realizações Editora, 2012.